



# VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

## A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA PARA A VALORIZAÇÃO DA CULTURA NEGRA

Isaura de França Brandão

*Núcleo de Educação da Infância (Nei/Cap/UFRN) [Isaura.brandao@yahoo.com.br](mailto:Isaura.brandao@yahoo.com.br)*

Este artigo aborda a presença - ou ausência - da cultura negra na educação infantil, a partir da experiência pedagógica durante um projeto de intervenção realizado com um grupo de crianças da Educação Infantil com idades entre 5 e 6 anos do Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – NEI/CAP/UFRN. Intencionamos com este trabalho contribuir para a afirmação e/ou construção de identidade da criança negra cuja ancestralidade carrega uma história invisibilizada, predominantemente marginalizada, para este fim, utilizamos a leitura de literatura afro-brasileira como sendo algo prazeroso e que traz contribuições de ordem cognitiva, emocional e social. Além disso, o reconhecimento, a valorização e o acolhimento às diferenças, compreendendo que todos nós temos um modo de ser e viver no mundo foram elementos fundamentais para o desenvolvimento e valorização do outro no espaço escolar. Partindo destes princípios, usamos como principal instrumento a leitura de literatura infantil afro-brasileira. A partir da leitura e da discussão desses textos literários, levamos as crianças a refletirem acerca da influência do povo africano em nossa cultura. Assim, constatou-se que o texto literário é uma escolha assertiva, pois, a partir das discussões as crianças demonstraram interesse, curiosidade e respeito pela diversidade cultural do seu povo, reconhecendo que todos nós somos diferentes e isso não nos impede de convivermos juntos e partilharmos da diversidade de valores, crenças, manifestações, expressões culturais.

Palavras-chave: Literatura, Cultura Negra, Diversidade.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)



## O RACISMO COMO DESAFIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Este artigo intenciona contribuir para a discussão sobre a afirmação e/ou construção de identidade e elevação da autoestima na criança negra na Educação Infantil, além da valorização e do respeito ao modo de ser e de viver de diferentes povos e culturas pelas crianças. Desta forma, o trabalho intencionou colaborar para o processo de desconstrução dos preconceitos, do racismo e de estereótipos existentes já nessa fase. A literatura infantil afro-brasileira foi utilizada como norteadora da prática, pois possibilitou a construção de uma imagem mais plural da sociedade e do respeito a essa diversidade.

Este registro resgata o percurso do projeto de intervenção proposto para a turma 4 composta de 21 crianças, com idades entre 5 e 6 anos do Núcleo de Educação da Infância Nei/CAP/UFRN. A leitura específica ocorreu no período de abril a setembro de 2015, quinzenalmente. O contato com as histórias influenciou na escolha do tema “África” e serviu como suporte para o desenvolvimento do trabalho com o Tema de Pesquisa.

A metodologia de trabalho do Tema de Pesquisa, seguindo as orientações de Rêgo (1999) foi articulada em três dimensões: o conhecimento das áreas de conteúdo que se quer tornar disponível, o contexto sociocultural das crianças, e os aspectos vinculados à realidade.

Com isso, o projeto funcionou como ferramenta para a construção de uma educação antirracista, como bem afirmam Silva e Paludo (2011):

Para se obter resultados positivos em relação às questões étnico-raciais, os trabalhos precisam ser iniciados na educação infantil, a fim de se evitar a formação de cidadãos preconceituosos, já que parte da premissa de que o sujeito não nasce racista, mas se, torna. Por isso, a importância em ensinar a criança a ser antirracista é fundamental para se ter uma sociedade mais respeitosa e comprometida com a diversidade. (s/p)

O uso da literatura justificou-se em razão de outras experiências vivenciadas em sala, que reforçaram a ideia de que se trata de uma importante fonte de ludicidade e, ao mesmo tempo, de prazer, capaz de contribuir, não somente, para formação de leitores, mas também para despertar a consciência das crianças. Mas esse não foi o único meio. Como veremos mais adiante, dela derivaram novas ideias de intervenções.



Em meio aos desafios emergentes no processo de ensino/aprendizagem, os casos de discriminação são constantes no âmbito escolar. Desta forma, refletimos acerca da necessidade de introduzir livros de origem afro-brasileira no cotidiano destas crianças como forma de incutir a defesa de relações sociais mais justas.

Dessa forma, essas leituras ajudaram na decisão das crianças pelo Tema de Pesquisa, pois nelas foi despertada a curiosidade em conhecer mais a fundo o continente Africano. O que possibilitou às crianças não somente o conhecimento geográfico, mas também, da cultura, da história da formação do Brasil e da influência dos povos negros nas manifestações culturais e sociais brasileiras.

## **2. A LITERATURA COMO UMA POSSIBILIDADE DE REFLETIR SOBRE A DIVERSIDADE/DIFERENÇAS**

“Chamar a atenção sobre os impactos do racismo na formação de uma criança é reconquistar os valores e as atitudes que possibilitam o reconhecimento da riqueza da diversidade brasileira; e de como essa riqueza tem valor como bem imaterial para nossas crianças e adolescentes, gerando uma sociedade mais justa.” (UNICEF, 2000, p.12)

O uso de variadas leituras na alfabetização, na perspectiva do letramento, implica em romper com o conceito de que ler é apenas decodificar/codificar, e assim, inserir a criança em práticas sociais que alimentem a sua reflexão, apresentando-lhes os gêneros literários que serão úteis para o desenvolvimento da leitura e da escrita, de modo que façam sentido para ela.

Segundo Soares (1998):

No contexto da sala de aula, as crianças precisam ouvir e falar, ler e escrever os mais variados textos. A prática pedagógica organizada em torno do uso da língua e sua reflexão deve visar não só ao processo de alfabetização em si mesmo, mas também à possibilidade de inserção e participação ativa dos alunos na cultura escrita, nas práticas sociais que envolvem a escrita, na produção e compreensão de diferentes gêneros textuais. (apud Lopes e Vieira, 2012)

Desse modo, contar com uma biblioteca na escola é dispor de um recurso fundamental para a natureza formativa de uma educação crítica. Porém, cabe destacar que os livros infantis predominantes, geralmente exaltam os valores dominantes, a exemplo do “embranquecimento” da sociedade e das supostas “virtudes” femininas que condicionam a um comportamento de submissão.



Diante da ineficiência da educação institucionalizada em combater as discriminações, especialmente o racismo, em especial no Brasil, que embora 51% da população seja negra, ainda hoje ocorrem casos de discriminação racial, e a desigualdade étnica entre brancos e negros é marcante, é cada vez maior a preocupação em adotar medidas para reverter essa situação. Por isso, há uma tendência de utilizar recursos pedagógicos para educar na perspectiva de valorização da identidade racial. Prova disso foi a aprovação da Lei 10.639/2003, que determinou a obrigatoriedade da inserção no currículo dos estabelecimentos de ensino públicos e privados da educação básica, o trabalho com a História da África e Cultura Afro-brasileira, que ressaltou a necessidade de valorizar a cultura afro desde a Educação Infantil, uma vez que é nessa etapa da vida que começa a formação dos valores e dos princípios.

Corroborando com a lei citada, o Referencial Curricular para a Educação Infantil RCNEI (1998), defende o trabalho com a diversidade e o convívio com diferentes culturas, pois ambos possibilitam a ampliação da valorização cultural. De acordo com o documento, a pluralidade cultural permite:

a conscientização de que a realidade de cada um é apenas parte de um universo maior que oferece múltiplas escolhas. Assumir um trabalho de acolhimento às diferentes expressões e manifestações das crianças e suas famílias significa valorizar e respeitar a diversidade, não implicando a adesão incondicional aos valores do outro. (RCNEI, 1998, p. 77)

Dessa forma, a escola tem um papel crucial no processo de formação da identidade da criança negra, tendo como obrigação comprometer-se com a diversidade e munir-se de estratégias para minar as discriminações presentes no ambiente escolar. Por isso, é fundamental que os saberes construídos no ambiente escolar, esse espaço significativo para a educação cidadã, forneçam um suporte pedagógico humanizado que incorpore condições para o desenvolvimento de atitudes de respeito e valorização da diversidade.

Por isso, a escolha da literatura como impulsionadora do nosso trabalho decorre, por acreditarmos, assim como Amarilha (2003), de uma importante ferramenta instrumental para a formação cognitiva, linguística, comunicativa, psicológica, moral e ética dos pequenos. Assim, ainda de acordo com a autora

Através do processo de identificação com os personagens, a criança passa a viver o jogo ficcional projetando-se na trama da narrativa. Acrescenta-se à



experiência o momento catártico, em que a identificação atinge o grau de elação emocional, concluindo de forma liberadora todo o processo de envolvimento. (AMARILHA, 1997, p. 18)

Portanto, as narrativas afrodescendentes contribuem, de forma lúdica e criativa, para uma formação leitora ativa, proficiente, capaz de proporcionar às crianças um olhar mais crítico sobre o mundo que as rodeia.

### 3. ALMA NÃO TER COR

O grupo onde foi desenvolvido o trabalho é constituído por crianças bastante enérgicas e curiosas, que sempre demonstram grande interesse nas atividades apresentadas, contribuindo com suas sugestões e opiniões. Vale salientar que essa euforia acaba exigindo atividades diversificadas para que o interesse não se perca em meio a tanta energia, bem como, uma rotina que envolva ações combinadas e reflexões constantes.

Integrada à filosofia do NEI (Núcleo de Educação da Infância), a sala também expressa diversidade social: há crianças de distintos níveis de renda e bairros, oriundos de diferentes etnias.

Sendo as atitudes discriminatórias comuns no cotidiano escolar, onde todo professor provavelmente já presenciou algum conflito do tipo, apresentamos uma situação real vivenciada na turma citada, espaço não isento desse processo excludente, buscando problematizar e intervir nessas manifestações de reprodução do racismo.

O projeto originou-se a partir de observações espontâneas feitas durante o momento do “faz de conta”, espaço lúdico da sala que estimula a criatividade e incentiva a fantasia. No momento em que um trio de meninas escolhia suas fantasias, a seguinte afirmação chamou atenção:

- “Eu serei a linda, você a bonita e A.G. a bonitinha” (A. G., como chamarei daqui para frente, era a única garota negra do trio). Frente a essa declaração, questionei o porquê dos títulos. A aluna, prontamente, mas visivelmente constrangida, revelou que A.G. seria a “bonitinha” por ser “pretinha”, logo, não poderia ser uma das princesas.

As ações nas brincadeiras infantis são reflexos do mundo que a cerca e, infelizmente, acabam reproduzindo os valores dominantes. “Através das brincadeiras podemos compreender a cultura de um povo, e é brincando que a criança começa a ter contato com o mundo a sua volta” (CAVALHEIRI, 2012, P.01 apud Kishimoto, 2006,



p. 13-43). O que se pode afirmar é que essa reprodução do racismo reflete os estereótipos disseminados na sociedade e que nenhum segmento dela está isento dos preconceitos.

Diante desse contexto, a literatura proporciona esse sentimento de identificação com um universo até então desconhecido, muitas vezes reprimido pela própria família, desconstruindo a padronização da beleza. Buscamos, então, trazer diferentes leituras que superassem a limitada presença de personagens negros no papel de protagonistas, em respeito à pluralidade cultural brasileira e promover reflexões no cotidiano escolar.

#### 4. CONTANDO HISTÓRIAS, FORMANDO CIDADÃOS

Habitados à contação de história, recurso defendido pela instituição, por fazer parte da rotina, as crianças se apresentaram como ouvintes apreciadores e participativos, o que resultou em um trabalho com uma fruição tranquila.

Evidenciamos aqui que antes de iniciarmos o trabalho foi feito previamente uma catalogação dos livros presentes no acervo bibliográfico do NEI, que abordassem elementos da história e cultura africana e/ou fizessem referência ao negro em seu enredo. Tais livros foram essenciais para o trabalho pedagógico do tema de pesquisa.

Após verificarmos o acervo da biblioteca da escola, iniciamos a primeira intervenção literária onde escolhemos a obra de Tatiana Belinky, *Diversidade* (1999), cuja proposta é uma reflexão inicial sobre a diversidade humana. Em cada estrofe, ela trás uma diferença humana, as quais não se restringem aos aspectos físicos, mas sim aos valores, sentimentos e qualidades que são próprias dos seres humanos, explicitando ao final da poesia “[...] que não faz mal ser diferente, todos são gente e diversidade é que é legal”. A autora fala que não basta reconhecer que as pessoas não são iguais, é preciso saber respeitar as diferenças.

Após a leitura, ainda na roda de conversa, trouxemos as seguintes reflexões:

- *Somos todos iguais?*
- *O que nos torna diferentes um do outro?*
- *Essas diferenças são ruins ou legais?*
- *O que vocês entendem por diversidade?*

Como esperado, a euforia foi tremenda, pois despertou diferentes reflexões, porém, compreender o termo diversidade foi um raciocínio que requeria intervenção nossa. Nesse processo, as crianças tem papel preponderante, entretanto é o/a professor/a



quem conduz as ações com o propósito de suscitar nas crianças questionamentos e curiosidades acerca do tema abordado.

Situados na biblioteca, foi possível estabelecer uma analogia entre os diferentes livros que, embora cada um tenha sua particularidade, não deixam de ser livros, já as pessoas também podem ser diferentes, mas nem por isso deixam de ser humanas. Isso proporcionou a compreensão de que nossos corpos e personalidades são diferentes, entretanto, somos todos humanos. Daí surgiu manifestações do tipo:

- *“É verdade!*

- *Eu e ela somos meninas, temos o mesmo nome, mas somos bem diferentes”.*

Ou então:

- *“Eu não queria que todo mundo fosse igual a mim, já pensou? Que chato!”.*

Após a leitura voltamos para a sala pedimos que as crianças fizessem seus autorretratos, trazendo o foco para as características físicas. Inicialmente as crianças iam se olhar através do espelho e se autodescrever desta forma estimulamos a valorização e a percepção das diferenças individuais, denominamos este momento de “Como eu sou?”.

Este momento foi muito importante, pois as crianças passaram a se perceberem e a se enxergarem como sendo diferentes. Após este momento propomos que elas fizessem seus autorretratos, esta foi uma estratégia bastante interessante, pois assim as crianças tiveram o cuidado em escolher as cores que usariam para tom de pele e cabelo, como seriam os traços do rosto e a textura do próprio cabelo.

A leitura seguinte foi *A menina e o elefante*, de Nicole de Cock (2004) e o *Aprendizado de Maria* (2011). Não se tratavam apenas de narrativas sobre amizade, mas também de amizade envolvendo personagens negros, além de abrirem às primeiras noções sobre os diferentes continentes, climas, animais, culturas e costumes. Dessa maneira, a turma pôde viajar junto com as protagonistas ao até então desconhecido Continente africano. Com a ajuda de um globo terrestre identificamos o continente palco das histórias lidas.

Dando continuidade às atividades, em diferentes momentos trouxemos os contos *As tranças de Bintou* (2010), *O cabelo de Lelê* (2007) e *Menina bonita do laço de fita* (1986).



No primeiro conto, a menina Bintou está insatisfeita com o cabelo e seus birotos<sup>1</sup>, pois o que ela almeja mesmo são as tranças que tanto vê nas madeixas das mulheres de sua aldeia. A segunda obra apresenta Lelê, uma garota brasileira que também não está feliz com seus cachinhos e se indaga sobre a origem deles. Até que encontra um sábio livro que oferece a ela a resposta para sua inquietação: ancestralidade africana.

Outra história lida para o grupo, foi “Menina bonita do laço de fita” da escritora Ana Maria Machado. Essa história foi importante para discutir a questão da diversidade étnica e racial, trazendo uma reflexão sobre o preconceito, pois a menina não sabe explicar ao coelho qual é o segredo para ser tão pretinha e passa a inventar várias histórias até que um dia sua mãe descobre o segredo dizendo que ela é pretinha porque seus avós eram negros. Antes da leitura dessa história, algumas crianças demonstravam que para ser bonita a pessoa tinha que ter cabelos lisos e claros. Esta constatação só veio reforçar a manutenção de vários padrões de comportamento e de beleza que existe em nossa sociedade, onde a mídia e o imaginário social estabelecem conceitos de que o belo é ser branco magro e ter cabelos lisos. Apesar dos documentos relacionados à educação brasileira outorgarem que somos um país construído com bases na diversidade cultural, esta questão permanece muito enraizada em nosso cotidiano, Abramowicz (2006) nos diz que todo o brasileiro vive uma situação no mínimo inusitada. De um lado, há o discurso de que nós somos um povo único, fruto de um intenso processo de miscigenação e mestiçagem, que gerou uma nação singular com indivíduos culturalmente diversificados. De outro, vivenciamos em nossas relações cotidianas inúmeras práticas preconceituosas, discriminatórias e racistas em relação a alguns segmentos da população, como, as mulheres, os indígenas e os afrodescendentes.

Nas atividades envolvendo a literatura antes, durante e depois da leitura, utilizamos a estratégia de conversarmos sobre o que foi ouvido. Ouvir histórias que abordam a questão étnica e cultural favoreceu a discussão sobre as origens de cada criança e do povo brasileiro. Assim como a menina bonita do laço de fita, as crianças expressaram suas ideias a respeito da beleza e da cor da menina.

Essas contações nos forneceram uma gama de atividades que foram exploradas no decorrer das aulas. Dentre elas podemos destacar:

---

1 Birote: penteado feminino que reúne os cabelos junto ao cocuruto da cabeça.



## - Oficina de turbantes

Convidamos a turbanteira Marília negra Flor para fazer uma oficina de turbantes com as crianças, este foi um momento muito rico, pois tivemos a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre os hábitos e costumes dos povos africanos, onde as crianças puderam usar um turbante que representa a cultura e a beleza de um povo. Assim, as crianças puderam perceber o quanto é importante respeitar e valorizar as diferenças. As crianças também puderam perceber a importância de sermos diferentes, neste contexto, as crianças tiveram a oportunidade de perceber que ser diferente é algo muito bom. Num mundo de tantas desigualdades, nem sempre é fácil lidar com a diferença, mas naquele momento as professoras e a turbanteira indiretamente estavam oportunizando um “olhar diferente” já que a diversidade está presente em todo lugar.

## - Construção de Fantoche Negro

Após conhecermos tantas histórias que traziam em seu enredo personagens negros como principais, elencamos o livro *O Cabelo de Lelê* para servir de fonte de inspiração para sua criação. Pedimos às crianças que relembassem os diferentes cabelos e penteados apresentados na narrativa, e que confeccionassem o seu fantoche.

Utilizamos como material uma meia preta para o corpo, fitilho plástico para o cabelo, pedaços de pano branco para olhos e boca serem desenhados, cola e tesoura. Não observamos nenhuma resistência com relação à cor dos fantoches, as crianças se mostraram participativas do começo ao fim da atividade. As únicas queixas partiram dos meninos, pois os textos lidos traziam personagens femininas. Porém, após a realização da atividade, todos brincaram com seu fantoche com bastante naturalidade.

## - Trilha da Diversidade

No pátio da escola construímos uma trilha com giz, constituída por 7 retângulos largos. Colocamos toda a turma no início dela, que ansiosa aguardava a estreia da brincadeira. A partir daí, explicamos as regras: seriam retiradas de um saco qualidades que remetiam ao grupo, só avançaria aquele que se identificasse com as perguntas que seriam sorteadas e não haveria campeões, pois tratava-se de uma trilha construída para se conhecer e se divertir. O conteúdo foi cuidadosamente elaborado para trazer à tona novamente o tema da diversidade, dessa forma, constavam entre as questões, características comuns ao biotipo da turma, que nos dariam uma visão geral dos avanços quanto a identificação, aceitação e respeito. Então aquela criança que se considerasse



baixinho daria um passo à frente, aquela que achasse que seu cabelo era cacheado da mesma forma... e assim por diante, até chegarmos no tom da pele.

Para nossa surpresa, um número de crianças além do esperado, se considerava negra, mesmo aquelas com tons de pele parda e cabelo liso.

### **- Dinâmica do espelho**

Sentados em nossa roda, colocamos um espelho onde cada criança sentaria à frente dele para se observar. Diante da sua imagem, a criança perceberia os detalhes do seu corpo e apresentaria para o grupo em voz alta. E na sequência, transporiam essas características para um desenho.

A atividade serviu como retomada do primeiro autorretrato desenvolvido pela turma, o espelho foi um importante instrumento para a percepção de traços físicos que constituem a identidade das crianças, por possibilitar-lhes se reconhecerem e serem reconhecidos como diferentes e únicas. Ao olhar-se de frente ao espelho, a criança reconhece sua imagem e as características físicas que integram a sua pessoa. Foi interessante perceber o nível de desenvolvimento que reflexões sobre as diferenças oportunizaram. Crianças que no início estavam diante do desconforto de se auto afirmarem como negras em seus desenhos, em nossa última atividade estavam extremamente à vontade para usar as cores marrons e pretas em seus tons de pele e cabelos.

### **CONCLUSÃO**

O resultado obtido com a experiência do autorretrato demonstra como foi importante levantar o debate sobre a questão racial desde cedo. Pois, o mais gratificante desse trabalho, foi, sem dúvida, ver a mudança de comportamento das crianças. Crianças que até então achavam que a colega A. G. não poderia ser princesa por ser negra viram que isso não passa de preconceito.

Podemos dizer que a maioria das crianças construiu sentido para a diversidade, pois compreenderam que esta palavra significa diferenças e que podemos aprender com as diferenças, ajudando, ensinando, brincando, ouvindo o outro sem distinção, sabendo conviver com respeito e sem discriminação, entendo as pessoas e suas especificidades.

Entretanto, seria ingênuo pensar que por si só esse projeto extinguirá a reprodução do racismo nessas crianças. Isso porque, sem um trabalho de conscientização social mais amplo, o avanço proporcionado pela escola sempre será



limitado com a pressão da família ao retorno de valores racistas, mesmo que em boa parte velados. Nesse sentido, muitas vezes os pais, geralmente brancos, não veem a importância de se trabalhar o assunto em sala de aula, questionando o fato disseminado de vivermos em uma democracia, reproduzindo o ideário da “democracia racial” vigente no país.

Porém, a de se destacar a melhora na autoestima das crianças negras ou mestiças em relação aos traços geralmente discriminados. A valorização do cabelo crespo e da cor da pele negra, por exemplo, possibilitou transformar a sala de aula em um espaço de liberdade, de materialização da igualdade, sobretudo, de integração social.

Outro desafio é transformar a abordagem em temática transversal, como projeto pedagógico, e não apenas projeto de pesquisa, implementando, de fato, as diretrizes curriculares da história da África. Caso contrário, o avanço conquistado pode retroceder diante das pressões externas e do retorno à educação acrítica, onde o elemento negro é escondido. Por isso é fundamental pensar em estratégias mais coletivas, para envolver as famílias e ter programas de formação docente voltados à temática.

Justamente porque a maior dificuldade é contestar a naturalização das discriminações, trazidas de fora, já inculcadas no consciente infantil, para a conscientização na perspectiva do respeito à diversidade dos povos, em particular, de afirmação da identidade étnica negra.

Educar nessa perspectiva ajuda a vislumbrar a possibilidade das novas gerações construírem um mundo mais justo, e o trabalho desenvolvido infere que a Educação é decisiva para essa transformação. Principalmente porque foi um movimento de desconstrução de valores tidos como aquilo que é natural, qual seja de exaltação do sujeito branco, reproduzido em larga escala no próprio sistema de Educação dominante.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. **Trabalhando a diferença na educação infantil**. São Paulo: Moderna, 2006.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. 2d. São Paulo: IBEP, 2012.

BELINKY, Tatiana. *Diversidade*. São Paulo: Quinteto, 1999.

CAVALHEIRI, A. **Votando ao passado com as brincadeiras**. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd168/votando-ao-passado-com-as-brincadeiras.htm>>.

Acesso em: 02 de dez. 2015.

CIRANDA CULTURAL. **O aprendizado de Maria**. 1ª ed. São Paulo: Ciranda Cultural.

COCK, N. **A menina e o elefante**. Tradução Titan, A. L. 1ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

DIOUF, A. Sylviane. **As tranças de Bintou**. Tradução Charles Cosac. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KISHIMOTO, Tizuko M. **O jogo e a educação infantil**. In: KISHIMOTO, T. M. (org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 2006, p. 13-43.

LIMA, A. de B. **A importância da literatura infantil afro-brasileira e africana no ensino fundamental do SESC – Pereolina/PE**. Petrolina, 2013.

LOPES, D. M. de C. ; VIEIRA, G. B. **Linguagem, Alfabetização e Letramento: O trabalho pedagógico nos três primeiros anos do Ensino Fundamental e as especificidades da criança**. Natal, 1998.

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

SILVA, J. P. A construção da identidade negra: **a literatura afro como possibilidade reflexiva**. Juiz de Fora, 2011.

SILVA, F. C. ; PALUDO K. I. **Racismo implícito: um olhar para a educação infantil**. Disponível em <<http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/14152011-19.pdf>>  
Acesso em: 03 de dez. 2015.



# VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)